

RELAÇÕES SOCIAIS

Jéssica Gonçalves Nogueira¹

RESUMO

Este artigo enfoca os diferentes tipos de relações sociais através dos quais a personalidade individual se desenvolve e se relaciona com a sociedade, indicando ainda o inter-relacionamento entre os dois.

Palavras-Chave: Relações. Sociais. Sociedade. Indivíduo.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX despontaram diferentes concepções teóricas que criticaram as explicações sobre as desigualdades até então desenvolvidas pelo pensamento liberal-burguês. Entre elas, a anarquia, a dos socialistas utópicos e a marxista. Originando-se da evidência de que a igualdade jurídica não bastava para que a maioria da sociedade conquistasse a igualdade de fato, que deveria ter fundamento material, essas concepções lutaram por mudanças sociais que oferecessem perspectivas reais de supressão e eliminação das injustiças estabelecidas com base no problema da desigualdade. O avanço da percepção de que a desigualdade social não era produto natural da condição humana, fato já notado teoricamente por Rousseau, levou-a ao cerne da questão: a desigualdade era uma resultante direta da lógica das relações sociais.

1 RELAÇÕES SOCIAIS

Ainda é difícil compreender as duas últimas décadas, uma vez que, indica Ianni,

¹ Aluna do 2º Período Gama de Direito da Faculdade Atenas. Disciplina: Sociologia Jurídica. Professor: Marcos Spagnuolo.

A interpretação da sociedade global está apenas no início. Tanto assim que se coloca a possibilidade de se construir novos conceitos, categorias, leis ou interpretações sobre as relações, os processos e as estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração desenvolvidos no âmbito da sociedade global. (IANNI: 1992, 176)

As relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização, de ocidentalização e de desterritorialização.

Como efeito das relações de exclusão social e econômica, inserem-se as práticas de violência como norma social particular de amplos grupos da sociedade, presentes em múltiplas dimensões da violência social e política contemporânea.

A perspectiva do intercâmbio cultural, reafirmada por Ianni, surge como uma das abordagens para configurar o processo da globalização, propondo o conceito de transculturação como ferramenta explicativa de realidades tão complexas, ao mesmo tempo com características nacionais e mundiais. Nesse passo, novos dilemas e problemas sociais emergem no horizonte planetário:

Há momentos, principalmente quando ocorrem rupturas históricas de amplas proporções, que abrem horizontes surpreendentes para o conhecimento e a fabulação. É o que parece estar ocorrendo no fim do século vinte. Esta pode ser uma ocasião em que os desafios que se abrem com a globalização do mundo permitem rebuscar o passado, no empenho de conhecer melhor o presente e imaginar o futuro. Pode-se dizer que o grande acontecimento histórico, neste caso uma ruptura que cria impasses e abre horizontes, permite reler o passado, como se fosse uma narração da qual se conhecem apenas alguns fragmentos. (IANNI: 1992, 49-50)

Entre as rupturas que se recriam, emergem os fenômenos da violência e as dificuldades das sociedades, e dos Estados contemporâneos, em enfrentá-los, pois, afirma Giddens:

O problema da democracia está intimamente ligado a uma dimensão adicional da modernidade: o controle dos meios de violência. Um programa de política radical deve estar preparado para enfrentar o papel da violência nas questões humanas. (GIDDENS: 1966, 20-27)

Tal dificuldade expressa os novos limites da formação política da modernidade, pois

O Estado perde o monopólio da violência legítima que durante dois séculos foi considerada a sua característica mais distintiva. (...) Em geral os Estados

periféricos nunca atingiram na prática o monopólio da violência, mas parecem estar hoje mais longe de o conseguirem do que nunca. (SOUSA SANTOS: 1994, 271)

A interação social passa a ser marcada por estilos violentos de sociabilidade, invertendo as expectativas do processo civilizatório.

A nova morfologia do social produzida pelo processo de formação da sociedade global apresenta múltiplas dimensões, as quais podem ser assim sintetizadas: produziram-se, além da metamorfose das classes sociais, outras transversalidades na produção da organização social, tais como as relações de gênero, as relações raciais, as relações entre grupos culturais e entre dispositivos poder-saber. Desenha-se um espaço social constituído por estruturas, posições e trajetórias de agentes, portanto, complexo e multidimensional.

2 RELAÇÕES SOCIAIS E O ESTADO

O Estado cede passo à sociedade, visto estar sendo acossado tanto em nível macro – pelas formas supraestatais, como diversas organizações da ONU e os variados acordos de integração regional e as empresas transnacionais – como em nível micro, pelo exercício de diversas redes de poder entre os agentes sociais.

Multiplicaram-se as formas de organização dos grupos sociais, para além dos interesses socioprofissionais, mediante as infindáveis possibilidades de associações, em torno de interesses e de objetivos variados. As coletividades desencadeiam diferentes modalidades de formas de representação e de mediação política, aquém e além dos partidos, tais como

As organizações não-governamentais, reconhecidas pelos governos e organismos internacionais como mediadores legítimos entre os cidadãos e o Estado; ou os movimentos sociais orientados pela retomada da historicidade. Desencadeiam-se relações variadas de formação e de consolidação do tecido social, por grupos que organizam conflitivamente seus interesses particulares e se articulam em poliformes contratos de sociabilidade. (FERREIRA: 2003, P.)

Ocorrem mudanças nas instituições, como família, escola, relações de socialização, fábricas, etc., pois elas sofrem processos de desinstitucionalização.

A crise da família cristaliza tais mudanças nos laços sociais, pois as funções desta unidade social marcada por relações de parentesco, assegurar a reprodução da espécie, realizar a socialização dos filhos, garantir a reprodução do capital econômico e da propriedade do grupo, assegurar a transmissão e reprodução do capital cultural, estão atualmente ameaçadas. Por um lado, em decorrência da própria diversidade de tipos de família no Brasil atual – família nuclear, família extensa em algumas áreas rurais, famílias monoparentais, famílias por agregação.

Por outro, as relações de sociabilidade que nela se realizam são variadas, marcadas originalmente pela afetividade e pela solidariedade, reaparecendo agora como largamente conflitivas, como o demonstram os fenômenos da violência doméstica. Finalmente, as funções de socialização são compartilhadas pela escola e pelos meios de comunicação.

Desta forma, identifica-se uma desorganização do grupo familiar, com as funções de reprodução econômica ameaçadas pela crise do emprego assim como pelos efeitos da crise do Estado Providência.

Efetiva-se uma pluralidade de normas sociais, algo mais do que o próprio pluralismo jurídico, levando-nos a ver a simultaneidade de padrões de orientação da conduta muitas vezes divergentes e incompatíveis, como, por exemplo, a violência configurada como linguagem e como norma social para algumas categorias sociais, em contraponto àquelas denominadas de normas civilizadas, marcadas pelo autocontrole e pelo controle social institucionalizado. (ELIAS: 1993, P.)

3 IMPORTÂNCIA DAS LUTAS SOCIAIS

Há uma visibilidade e uma conceituação da importância das lutas sociais, não apenas enquanto resistência, mas também com positividade: lutas minúsculas, plurais, uma negação das formas de exercício da dominação. Em algumas circunstâncias históricas, uma configuração sintética do poder também pode aparecer, tais como os novos movimentos sociais ou a revolução como ponto de síntese de todas as revoltas (talvez seja apenas a poeira

suscitada pelo exercício do poder) e das resistências: encontramos novos agentes da resistência, estamos diante da negação da centralidade do poder estatal no espaço-tempo social, afirmando uma outra cartografia, pontilhista e processual, na ordenação do mundo social. Entende-se, assim, o recurso à configuração de quadros sociais, aquelas figuras nas quais se dá o entrelaçamento entre técnicas de poder e procedimentos de saber. Contra essa sociedade normalizadora e programada, efeito de uma tecnologia de poder centrada na vida, emergem, desde o século XIX, forças sociais de resistência.

As questões sociais, desde o século XIX centradas em torno do trabalho, por consequência, tornam-se questões complexas e globais, pois várias são as dimensões do social que passam a ser socialmente questionadas, entre elas a questão dos laços sociais. Retoma-se uma inquietação que estava presente nos primeiros sociólogos, pois o projeto sociológico nasceu de uma inquietude sobre a capacidade de integração nas sociedades modernas: como estabelecer ou restaurar os laços sociais em sociedades fundadas na soberania do indivíduo?

As relações de integração social estão, cada vez mais, ameaçadas por relações de fragmentação social: a desagregação dos princípios organizadores da solidariedade; a crise da concepção tradicional dos direitos sociais e oferecer um quadro para pensar os excluídos. Em outras palavras, estamos diante de relações de massificação paralelas há relações de individualismo exacerbado e de solidão narcisista.

Outras relações sociais em curso devem ser ainda mencionadas, como as transformações do mundo do trabalho, mediante as mudanças tecnológicas que vêm acompanhadas da precarização do trabalho, do desemprego e do processo de seleção/exclusão social. (LARANJEIRA: 1999, 123-141)

Também são relevantes as mudanças no mundo rural, desde a questão global da fome até as inovações tecnológicas, e as novas formas de organização produtiva, como a agricultura familiar e as atuais lutas sociais pela terra em diferentes países.

Ao mesmo tempo, sabemos, cada vez mais, da importância para o futuro da relação do Homem com a Natureza, indicando a questão ecológica, a discussão sobre as tecnologias intermediárias e a noção de desenvolvimento com sustentabilidade. (SACHS: 1993, P.)

Enfim, as novas relações culturais adquirem uma centralidade ímpar na sociedade da informação: como compatibilizar o maior acesso à educação, à universidade e à ciência com o mérito científico e a qualidade acadêmica; como enfrentar a questão do multiculturalismo, pensando a relação entre o eu e o outro, ou seja, o lugar da alteridade cultural na sociedade em processo de globalização?

Dentre as novas questões sociais, os fenômenos da violência adquirem novos contornos, passando a disseminar-se por toda a sociedade. Essa multiplicidade das formas de violência presentes nas sociedades contemporâneas (violências: ecológica, exclusão social, entre os gêneros, racismos e na escola) configuram-se enquanto um processo de dilaceramento da cidadania. A compreensão da fenomenologia da violência pode ser realizada a partir da noção de uma microfísica do poder, de Foucault, ou seja, de uma rede de poderes que permeia todas as relações sociais, marcando as interações entre os grupos e as classes.

Pois,

o que existe de mais perigoso na violência é sua racionalidade. Certamente, a violência em si mesma é terrível. Mas a violência encontra seu fundamento mais profundo na forma de racionalidade que nos utilizamos. Entre a violência e a racionalidade, não há incompatibilidade. (FOUCAULT: 1996, P.)

Alba Zaluar (1994) procura uma interpretação de “complicada e variada tessitura” para explicar a violência urbana, incorporando a perspectiva da globalização no

panorama do crime organizado internacionalmente, do crime também ele globalizado, com características econômicas, políticas e culturais *sui generis*, sem perder algo do velho capitalismo da busca desenfreada do lucro a qualquer preço. (ZALUAR: 1994, P.)

A violência como nova questão social global está provocando mudanças no Estado de Controle Social: dentre as novas formas de poder político supranacional e organizações internacionais, delineiam-se formas transnacionais de poder político, através da ONU, da Otan e de organizações multilaterais, assumindo os USA um papel de controle político e militar internacional. A ameaça de um Estado do Controle Social repressivo se avoluma na sociedade atual, lembrando as afirmações de Giddens:

Acredito que se possa assumir que todas as formas de violência devem ser minimizadas tanto quanto possível, sejam elas legítimas ou ilegítimas. Em outras palavras, a tendência das autoridades governantes no sentido de assegurar um monopólio dos meios de violência não deveria ser equacionada como um recurso cada vez maior à violência. (GIDDENS: 1966, 260)

Em outras palavras, estamos diante de formas contemporâneas de controle social, com as características de um Estado repressivo acompanhando a crise do Estado Providência.

CONCLUSÃO

Entretanto, conclui-se que a discussão sobre as relações sociais põe à mostra a necessidade de se examinar as noções do eu e do outro como construção que implica imagens múltiplas e a necessidade de se reconhecer que essas noções são também da ordem da imaginação, que deve ser articulada às dimensões cognitivas e afetivas dos processos em foco.

SOCIAL RELATIONSHIPS

ABSTRACT

This article focuses on the different types of social relationships by which the individual personality develops and relates to the company, indicating also the inter-relationship between the two.

Keywords: Relations. Social. Society. Individual.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v.I, 1990.

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v.II, 1993.

FERREIRA, Delson. **Manual de Sociologia.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita.** São Paulo, Editora da Unesp, 1966.

IANNI, O. **A sociedade global.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LARANGEIRA, S. **A realidade do trabalho em tempo de globalização: precarização, exclusão e desagregação social.** In: TAVARES DOS SANTOS, J.V. Op. cit., 1999.

NOVA, Sebastião Vila. **Introdução à Sociologia.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. São Paulo, Studio Nobel/ Fundap, 1993.

SOUSA SANTOS, B. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** Porto, Afrontamento, 1994.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo.** Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.